

Da Escuta ao Encanto: Contação de Histórias como Experiência Educativa

Andréa Perez Leinat

Professora Formadora da Unidocência

Resumo

O artigo apresenta um relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter formativo, desenvolvido na DRE de Pontes e Lacerda/MT, que tomou a contação de histórias como prática educativa e eixo de humanização do trabalho docente. A intervenção — intitulada “Da Escuta ao Encanto: a Contação de Histórias como Experiência Educativa” — estruturou-se em encontros quinzenais com oficinas, estudos teóricos, socialização de práticas e produção coletiva de materiais didáticos, envolvendo professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A análise dos registros e das narrativas produzidas ao longo do percurso indicou efeitos pedagógicos e psicossociais convergentes: nas crianças, ampliação da oralidade, da imaginação, da empatia e do senso crítico; nos anos iniciais do Fundamental, intensificação de discussões sobre diversidade cultural, respeito às diferenças, sustentabilidade e valores humanos; entre docentes, revitalização da autoestima, reencantamento com a prática, fortalecimento do cuidado e do bem-estar emocional, além do incremento do trabalho colaborativo e do sentimento de pertencimento institucional. Conclui-se que a contação, quando planejada, articulada aos objetivos de aprendizagem e apoiada por recursos adequados, funciona como dispositivo potente de formação de leitores sensíveis e críticos, bem como de desenvolvimento profissional docente. Recomenda-se a institucionalização de processos contínuos de formação que integrem a narrativa oral ao currículo e à cultura escolar, favorecendo vínculos, aprendizagens significativas e a humanização das experiências educativas.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Formação de Professores; Letramento Literário; Práticas de Leitura.



Recebido em: maio. 2025. Aceito em: setembro. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.698

Estudos do Cotidiano: a ciência do hoje

Outubro, 2025, v. 3, n. 31

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



From Listening to Enchantment: Storytelling as an Educational Experience

Abstract

This article reports a qualitative, formative program implemented at the DRE of Pontes e Lacerda/MT that positioned storytelling as a pedagogical practice and a vector of humanization in schooling. The intervention—"From Listening to Enchantment: Storytelling as an Educational Experience"—was organized in biweekly sessions combining workshops, theoretical study, sharing of classroom practices, and collective production of instructional materials with teachers from Early Childhood Education and Primary Education. Analysis of records and participant narratives indicates convergent pedagogical and psychosocial outcomes: among children, expansion of oral language, imagination, empathy, and critical sense; in the early primary years, deeper reflection on cultural diversity, respect for differences, sustainability, and human values; among teachers, renewed professional self-esteem, re-enchantment with teaching, attention to emotional well-being, and stronger collaborative work and institutional belonging. The study concludes that, when intentionally planned, aligned with learning objectives, and supported by appropriate resources, storytelling becomes a powerful device for forming sensitive, critical readers and for fostering teacher professional growth. It recommends institutionalizing ongoing professional development that integrates oral narrative into curriculum and school culture, thereby strengthening bonds, meaningful learning, and the humanization of educational experiences.

Keywords: Rural Education. Public policies. Agroecology. Local knowledge.

Educación Rural en Brasil: Políticas Públicas, Principios Pedagógicos e Integración con la Agroecología, Revisión Bibliográfica

Resumen

El artículo presenta un programa formativo de enfoque cualitativo desarrollado en la DRE de Pontes e Lacerda/MT, que situó la narración de historias como práctica pedagógica y eje de humanización en el contexto escolar. La intervención —"De la escucha al encanto: la narración de historias como experiencia educativa"— se estructuró en encuentros quincenales con talleres, estudio teórico, socialización de prácticas y producción colectiva de materiales didácticos, involucrando a docentes de Educación Infantil y Educación Primaria. El análisis de registros y relatos de los participantes evidenció resultados pedagógicos y psicosociales convergentes: en los niños, ampliación de la oralidad, la imaginación, la empatía y el sentido crítico; en los primeros años de la Primaria, mayor reflexión sobre diversidad cultural, respeto a las diferencias, sostenibilidad y valores humanos; en los docentes, revitalización de la autoestima profesional, reencantamiento con la enseñanza, cuidado del bienestar emocional y fortalecimiento del trabajo colaborativo y del sentido de pertenencia institucional. Se concluye que, cuando se planifica con intencionalidad, se articula con los objetivos de aprendizaje y se apoya en recursos adecuados, la narración de historias se convierte en un dispositivo potente para la formación de lectores sensibles y críticos y para el desarrollo profesional docente. Se recomienda institucionalizar procesos continuos de formación que integren la narrativa oral al currículo y a la cultura escolar, favoreciendo vínculos, aprendizajes significativos y la humanización de las experiencias educativas.

Palabras clave: Narración; Formación del profesorado; Alfabetización literaria; Prácticas de lectura.

INTRODUÇÃO

A leitura, concebida como prática social, constitui elemento basilar para a formação integral do sujeito, na medida em que sustenta processos de comunicação, construção de sentidos e participação cidadã. À luz de Boriollo (2002), o ensino de leitura e escrita não se circunscreve a treinamentos mecânicos de grafemas nem à mera preparação de um “futuro leitor”; impõe-se, antes, o contato sistemático, desde a primeira infância, com um repertório textual diversificado, no qual oralidade e contação de histórias assumem centralidade no fazer educativo.

Contar histórias ultrapassa a narração de acontecimentos: configura-se como prática que tece vínculos, mobiliza a imaginação, suscita afetos e agencia a formação de leitores críticos. Abramovich (1989), ao reconhecer a literatura infantil como feita de “gostosuras e bobices”, assinala simultaneamente a densidade de saberes que marca a experiência de quem escuta e de quem narra. Nessa direção, a contação emerge como prática educativa e ato de humanização, por meio do qual o educador se reaproxima de sua vocação e do próprio júbilo de ensinar.

Este artigo apresenta e discute a experiência formativa “Contação de História como Prática Educativa”, desenvolvida na DRE de Pontes e Lacerda/MT, estruturada em encontros quinzenais que articularam oficinas, estudos teóricos, socialização de práticas e produção coletiva de materiais didáticos.

Imagem 1. Grupo que participou da experiência formativa



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Na figura, há o registro coletivo das turmas participantes da formação “Contação de História como Prática Educativa”, em quadra coberta da rede

municipal. Docentes posam na cena que marca a culminância do percurso formativo e a socialização dos resultados.

Para além da capacitação técnica para o uso da contação como recurso pedagógico, a proposta organizou-se como espaço de acolhimento, escuta e valorização docente, favorecendo experiências de cuidado, fortalecimento da autoestima e ressignificação da prática pedagógica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A contação de histórias, prática educativa ancestral, acompanha a trajetória humana desde tempos imemoriais. Em contextos ágrafos, a narrativa oral operava como dispositivo de transmissão de saberes, preservação da memória coletiva e coesão social.

Bruner (1996) sustenta que as histórias constituem forma privilegiada de organizar a experiência, atribuir significados ao mundo e promover desenvolvimento cognitivo e cultural.

No âmbito escolar, a contação assume papel estratégico por articular dimensões afetivas, cognitivas e sociais do aprender, deslocando-se do entretenimento para o estatuto de ferramenta pedagógica.

Coelho (1986) defende a literatura infantil como arte e direito da criança, por ampliar o acesso ao imaginário, à cultura e à construção do conhecimento. Abramovich (1989) acrescenta que as narrativas, ao emocionar e provocar reflexão, aguçam a curiosidade e mobilizam competências indispensáveis ao desenvolvimento integral.

Imagem 2. Exposição dos trabalhos executados na experiência formativa



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Na imagem acima, evidencia-se a mostra pedagógica da formação “Contação de História como Prática Educativa”, realizada na DRE de Pontes e Lacerda/MT. Duas docentes apresentam a mesa expositiva com livros artesanais, painéis, fantoches e recursos visuais produzidos nas oficinas. Os materiais evidenciam a integração entre oralidade, imaginação e letramento literário, com ênfase em narrativas para Educação Infantil e anos iniciais.

Imagem 3. Estação com cenários



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Observa-se que as docentes apresentam uma estação com cenários, personagens recortados, livros artesanais e um guarda-chuva decorado utilizado como suporte narrativo. A composição evidencia abordagem multimodal e colaborativa para mediação de leitura na Educação Infantil e anos iniciais.

Conforme Dohme (2000), a prática de contar histórias favorece múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil: (i) formação ética, ao tematizar dilemas e valores que instigam justiça, solidariedade, coragem e empatia; (ii) pensamento lógico-crítico, pela exigência de atenção, memória, sequenciação e formulação de hipóteses diante de enredos; (iii) imaginação e criatividade, mediante a elaboração simbólica de personagens, cenários e ações; (iv) senso crítico e percepção sociocultural, ao expor a criança a realidades e valores diversos; (v) autorregulação e engajamento, dado que o interesse intrínseco suscitado pela narrativa promove disciplina espontânea.

A literatura infantil e a contação sustentam, ainda, a ampliação do repertório linguístico, a expressão de afetos e o exercício argumentativo. Em

perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (2001) destaca a linguagem como mediadora do pensamento e a interação social — particularmente em atividades narrativas — como via de apropriação de conceitos, normas e valores culturais. Paralelamente, a prática narrativa repercute na construção de identidade e autoestima de crianças e professores: Dinorah (1996) evidencia que, ao narrar, o educador aprimora comunicação, escuta ativa e sensibilidade, fortalecendo vínculos com os estudantes e com a própria docência.

Imagem 4. Registro da culminância



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Docentes apresentam mesa com livros artesanais, painéis narrativos, personagens recortados, tapete de histórias e dois guarda-chuvas temáticos utilizados como dispositivos cênicos. O conjunto evidencia planejamento multimodal para mediação de leitura e oralidade nos anos iniciais.

Pesquisas contemporâneas reiteram o papel da narrativa no desenvolvimento socioemocional: Wolf e Heath (2017) indicam que a exposição a histórias amplia a compreensão de perspectivas, o reconhecimento de sentimentos alheios e a empatia, competências indispensáveis à convivência democrática, além de favorecer a regulação emocional e o manejo de conflitos.

No contexto brasileiro, a contação na Educação Infantil ganha espessura quando articulada aos Campos de Experiências e aos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento da BNCC (Brasil, 2017), integrando oralidade, linguagem, imaginação, interação e sensibilidade estética. Por meio da narrativa, trabalham-se valores éticos, diversidade cultural, sustentabilidade, cidadania e

inclusão, compondo experiências de aprendizagem significativas e contextualizadas.

Para o professor, a contação configura oportunidade de diversificar linguagens, inovar estratégias e assumir, com intencionalidade, o papel de mediador cultural (Abramovich, 1989; Dohme, 2000).

Em síntese, a contação de histórias deve ser compreendida não apenas como recurso didático, mas como prática educativa integral, com potencial de influenciar positivamente dimensões cognitivas, sociais, emocionais e éticas do desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização e o fortalecimento da identidade profissional docente.

JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade, impõe-se à escola o desafio de promover aprendizagens significativas que mobilizem interesse e curiosidade dos estudantes. Embora central, a leitura frequentemente comparece às aulas de modo burocratizado, reduzida a exercícios repetitivos e rotinas padronizadas, o que restringe o desenvolvimento infantil e esvazia o prazer estético do ler. Nesse cenário, a contação de histórias desponta como estratégia pedagógica potente por conjugar aprendizagem, afetividade, criatividade e imaginação, transmutando o cotidiano escolar em experiência intelectual e sensível.

Imagem 5. Mostra de materiais produzidos nas oficinas



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A imagem documenta uma mostra de materiais produzidos nas oficinas: painéis com cenas campestres, personagens e objetos manipuláveis, livros e

recipientes decorados, além de um tapete de histórias distribuído no chão com peças de diferentes formatos e cores. O arranjo evidencia intencionalidade didática, suporte à contação, à sequenciação narrativa e à mediação lúdica, e favorece a transposição da narrativa oral para práticas de sala alinhadas à BNCC.

A observação da realidade educacional indica, contudo, dificuldades recorrentes no planejamento e na condução de práticas narrativas estruturadas. Parte do professorado percebe a contação como atividade acessória, circunscrita a momentos recreativos; outra parte revela insegurança quanto à performance narrativa, à produção de materiais de apoio e ao manejo de múltiplas linguagens.

Imagem 6. Registro fotográfico da culminância



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A fotografia documenta estação expositiva composta por tapete de histórias, painéis narrativos, personagens manipuláveis e guarda-chuvas decorados utilizados como dispositivos cênicos; ao centro, o cartaz “ERA UMA VEZ” funciona como marcador enunciativo da narrativa. O arranjo evidencia a integração entre oralidade, imagem e performance nas oficinas, favorecendo sequenciação narrativa, participação ativa das crianças e transposição didática para diferentes contextos de sala.

O quadro sustenta a necessidade de formação continuada que oferte fundamentos teórico-metodológicos, instrumentalize o uso pedagógico da narrativa e fortaleça a confiança profissional.

A formação “Contação de História como Prática Educativa” responde a essa demanda ao instituir um espaço de estudo, reflexão, experimentação e

socialização. A proposta visou, simultaneamente, à apropriação didática da contação e à criação de um ambiente de escuta, reconhecimento e fortalecimento profissional, com efeitos sobre autoestima, motivação para ensinar e bem-estar emocional, conforme apontam experiências pregressas e depoimentos docentes.

Imagem 7. Apresentação em grupo



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Particularmente na Educação Infantil, e em consonância com a BNCC (Brasil, 2017), a contação articula desenvolvimento da linguagem, imaginação, afetividade, identidade e sociabilidade, possibilitando o trabalho com oralidade, expressão de sentimentos, diversidade cultural, valores éticos e consciência social de forma lúdica, intencional e significativa.

Diante do exposto, justifica-se a implementação de um percurso formativo orientado a:

- (a) fundamentar a relevância da contação no desenvolvimento integral das crianças;
- (b) planejar e sistematizar atividades narrativas com intencionalidade pedagógica;
- (c) desenvolver materiais didáticos contextualizados;
- (d) consolidar o papel do educador como mediador cultural; e
- (e) promover autoestima, prazer de ensinar e bem-estar docente.

METODOLOGIA

A formação “Contação de História como Prática Educativa” desenvolveu-se ao longo de sete meses, totalizando 40 horas, das quais 30 horas correspondentes a encontros presenciais e 10 horas destinadas à leitura orientada, ao estudo individual e à preparação de materiais para socialização. As atividades ocorreram quinzenalmente, em três turmas (uma matutina e duas noturnas), nas dependências da DRE de Pontes e Lacerda/MT. Cada encontro, com três horas de duração, articulou momentos de fundamentação teórica, experimentação prática e reflexão coletiva, de modo a assegurar compreensão conceitual, vivência metodológica e projeção para a prática pedagógica.

Imagem 8. Trabalhos desenvolvidos



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A metodologia adotada orientou-se pela integração entre dimensões cognitiva, afetiva e social da aprendizagem docente, privilegiando a articulação entre conteúdos teóricos, experiências performativas de narração e processos colaborativos de análise. Buscou-se, assim, um itinerário formativo que habilitasse os participantes a compreender, experimentar e aplicar a contação de histórias com intencionalidade pedagógica e aderência curricular.

EIXOS E PROCEDIMENTOS

1) Estudo teórico

- Realização de leituras dirigidas e seminários de discussão sobre literatura infantil, oralidade, leitura e escrita;

- Análise do papel da contação de histórias no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, com ênfase em sua potência humanizadora;
- Exame de gêneros narrativos (contos de fadas, fábulas, narrativas sobre diversidade, meio ambiente e valores humanos) para mapear possibilidades didáticas;
- Aproximação sistemática com os Campos de Experiências e os Objetivos de Aprendizagem da BNCC, visando à inserção orgânica da narrativa oral no cotidiano escolar.

2) Oficinas práticas

- Planejamento e elaboração de histórias em formatos individual e coletivo, com definição de objetivos, mediações e critérios de acompanhamento;
- Concepção de materiais didáticos (fantoques, cenários, livros artesanais, recursos visuais e sonoros) como suportes para a multimodalidade;
- Ensaios de contação entre pares, com ajustes de ritmo, expressividade, gestualidade e entonação a partir de observações orientadas;
- Uso de recursos tecnológicos (projeção, áudio, música e imagens) para enriquecimento da experiência narrativa;
- Vivências lúdicas voltadas à criatividade, à improvisação e à adaptação de histórias a diferentes faixas etárias e contextos escolares.

3) Socialização e avaliação

- Apresentação das histórias produzidas às turmas, seguida de devolutivas formativas e de discussões sobre resultados e possibilidades de replanejamento;
- Debate sobre estratégias pedagógicas, dificuldades encontradas e soluções criativas, com registro de boas práticas;
- Seminário final de socialização, no qual os docentes apresentaram narrativas e materiais, discutindo impactos percebidos na aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças;
- Avaliação contínua e formativa, contemplando participação, empenho, criatividade, aderência aos objetivos de aprendizagem e alinhamento à BNCC.

Ao longo dos encontros, incentivou-se a experimentação de distintos estilos narrativos, o uso deliberado de entonações, gestos e expressões faciais e a observação do efeito estético e formativo das histórias sobre a audiência. A produção de materiais visuais e objetos lúdicos conferiu concretude e densidade sensorial às práticas, favorecendo a transposição para a sala de aula.

Imagem 9. Apresentação em LIBRAS



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A seleção e o planejamento das narrativas consideraram interesses das crianças, características da comunidade escolar e correspondência com os Campos de Experiências e com os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento da BNCC. Priorizou-se, desse modo, a promoção da imaginação, da linguagem, do vínculo afetivo e da sensibilidade, assegurando experiências significativas, lúdicas e curricularmente pertinentes.

A ambientação formativa foi intencionalmente estruturada como espaço seguro e acolhedor, destinado à escuta ativa, ao erro como oportunidade de aprendizagem, ao riso e à reflexão crítica. A dimensão afetiva sustentou processos de valorização profissional e de reencantamento com a docência, favorecendo a consolidação da identidade do professor-mediador de narrativas e a expansão de repertórios pedagógicos.

RELATOS DOS PROFESSORES

Os depoimentos dos participantes evidenciam repercussões expressivas da formação tanto na dimensão didático-pedagógica quanto no bem-estar psicossocial. De modo recorrente, os registros apontaram a experiência formativa como espaço de descoberta, fruição estética e reconhecimento profissional, no qual inseguranças iniciais relativas ao desempenho narrativo deram lugar a maior autoconfiança, domínio de recursos expressivos e prazer renovado na docência.

Imagem 10. Registro da culminância



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As narrativas destacaram, ainda, percepção de mudanças na responsividade discente, com aumento da atenção, do engajamento e da curiosidade, bem como o caráter restaurador dos encontros, frequentemente descritos como pausa revitalizante que favoreceu a criatividade, a autorregulação emocional e o sentido de pertencimento ao coletivo.

Em síntese, consolidou-se a compreensão de que a contação de histórias ultrapassa a condição de técnica auxiliar: configura um dispositivo formativo capaz de sustentar práticas pedagógicas mais significativas, fortalecer a autoestima docente e promover redes de apoio entre pares, com impacto direto na qualidade das interações em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação “Contação de História como Experiência Educativa” revelou efeitos convergentes nas dimensões pedagógica, emocional e sociocultural do

trabalho docente. No plano pedagógico, observou-se ampliação da compreensão sobre o papel da narrativa na alfabetização e no desenvolvimento das linguagens oral e escrita, com repercussões no planejamento e na execução de atividades.

A elaboração de materiais lúdicos, a experimentação de diferentes estilos de narração e a análise reflexiva das ações favoreceram o desenho de situações didáticas que estimularam imaginação e criatividade infantis, suscitaram raciocínio crítico e ético mediante a problematização de dilemas e valores, e potencializaram a oralidade por meio de práticas de escuta, diálogo e tomada de turno.

A contação mostrou-se fértil para a integração interdisciplinar, ao articular linguagens, artes, música, movimento e tecnologias, bem como para a personalização do ensino, dada a possibilidade de adaptação das histórias a interesses e necessidades específicas das crianças.

Na dimensão emocional e social, os encontros configuraram ambiente de acolhimento e valorização profissional. A circulação de saberes, a colaboração sistemática e a expressão criativa contribuíram para a reconstrução da identidade docente, para a redução de ansiedade e estresse associados à rotina escolar e para o fortalecimento de vínculos cooperativos.

Em paralelo, o processo de criação de fantoches, cenários, livros artesanais e recursos visuais não apenas qualificou a mediação pedagógica, tornando a narrativa mais concreta e interativa, como também desenvolveu competências de planejamento, organização e sensibilidade estética nos participantes.

As reflexões metacognitivas produzidas ao longo da formação indicaram deslocamentos relevantes: professores inicialmente reticentes passaram a reconhecer a contação como componente estruturante da educação integral, por seu potencial de tecer vínculos afetivos, tematizar valores humanos e alargar horizontes culturais. Quando articulada às diretrizes da BNCC e aos Campos de Experiências, a narrativa assumiu intencionalidade explícita no currículo, sustentando aprendizagens significativas e duradouras.

Assim, os resultados evidenciam a atuação da contação em múltiplos níveis — educacional, afetivo, social e cultural —, beneficiando crianças, ao

expandir repertórios cognitivos e expressivos, e professores, ao incrementar segurança, motivação e satisfação profissional. Desse modo, reafirma-se a pertinência de percursos formativos que integrem teoria, prática e reflexão crítica, assegurando condições para a consolidação da contação de histórias como experiência educativa transformadora e humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência “Da Escuta ao Encanto: a Contação de Histórias como Experiência Educativa” permite afirmar que contar histórias constitui ato educativo dotado de densidade estética e ética, capaz de construir vínculos, mobilizar emoções, fortalecer valores e abrir acesso a universos imaginativos decisivos para o desenvolvimento integral das crianças.

Quando planejada com intencionalidade, apoiada por recursos adequados e articulada a objetivos de aprendizagem, a contação opera como dispositivo de formação de leitores sensíveis e críticos, favorecendo, na Educação Infantil, a expansão da imaginação, da oralidade, da empatia e do juízo crítico, e, no Ensino Fundamental, a reflexão sobre diversidade cultural, respeito às diferenças, sustentabilidade e valores humanizadores.

Para o corpo docente, a formação produziu efeitos formativos e identitários relevantes: relatos apontaram revitalização do desejo de ensinar, recomposição da autoestima profissional e reaproximação da vocação pedagógica, em ambiente marcado pelo diálogo, pela troca de experiências e pela expressão criativa.

A produção de materiais, a experimentação de estilos narrativos e a socialização das práticas evidenciaram, adicionalmente, o caráter colaborativo da contação, que fortalece o trabalho em equipe, a circulação de saberes e o sentimento de pertencimento institucional.

Conclui-se que a contação de histórias oferece mediação singular entre realidade e imaginação, entre aprender e fruir, entre professor e estudante. Ao assumir-se contador de histórias, o educador não apenas ensina conteúdos, como também institui memórias partilhadas e experiências estéticas que modelam trajetórias formativas.

Recomenda-se, por conseguinte, a valorização institucional de espaços e tempos curriculares destinados à narrativa oral, bem como a manutenção de programas de formação continuada que, ancorados em criatividade e sensibilidade, renovem a experiência educativa e consolidem a contação como prática de ensino, aprendizagem e humanização no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BORIOLO, B. de C. **Relato das atividades de contação de histórias no Centro de Convivência Infantil-CCI-USP**. São Carlos, 2002.

BRUNER, J. C. **The culture of education**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

COELHO, N. N. **A literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

DINORAH, M. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 3. ed. São Paulo: Informal, 2000.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Educação Básica**. Cuiabá: Defanti, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WOLF, M.; HEATH, S. **Storytelling and social development in childhood**. New York: Routledge, 2017.

ANEXOS



